

Victor Klemperer e a restauração da língua alemã no pós-guerra

Luis S. Krausz

Mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania. Doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Literatura e Cultura Judaica na Universidade de São Paulo.

Resumo

Este artigo propõe-se a situar a trajetória do filólogo Victor Klemperer, e em particular seu trabalho no livro *LTI (Lingua Tertii Imperi)* no contexto mais amplo da história cultural dos judeus na Alemanha. No imediato pós guerra, tomando por base os diários que escreveu sob o nazismo, Klemperer escreveu *LTI* como uma tentativa de eliminar do idioma de Goethe as distorções e aberrações introduzidas pela propaganda nazista. Este empreendimento parece querer resgatar uma Alemanha desaparecida: aquela das promessas liberais e iluministas do século 19, e a Alemanha como o país da *Bildung*.

Palavras-chaves

Literatura alemã - Simbiose judaico-alemã - História cultural - Iluminismo - Anti-semitismo.

Abstract

This paper tries to situate Victor Klemperer's life and *oeuvre* – in particular his book *LTI (Lingua Tertii Imperi)*– in the wider context of Jewish cultural history in Germany. Immediately after World War II, based on the diaries he wrote under Nazism, Klemperer wrote his *LTI* as an attempt to cleanse Goethe's language from the distortions and aberrations introduced by Nazi propaganda. His undertaking seems to be an attempt to retrieve a vanished Germany: that of the liberal and Enlightenment promises from the 19th Century, which attracted Jews to a supposedly cosmopolitan world of *Bildung*.

Keywords

German literature - Jewish-German symbiosis - Cultural history - Age of Enlightenment - Anti-Semitism.

A trajetória do filólogo Victor Klemperer – do ponto de vista pessoal tanto quanto do ponto de vista estritamente intelectual – manifesta, com exatidão, um sonho coletivo judaico-alemão que vinha sendo cultivado desde os tempos de Heinrich Heine. Este sonho, herdado de pai para filho, atravessou o século 19 como um todo, para alcançar os anos críticos de 1920 e 1930, e o seu nome é integração, assimilação e simbiose com a cultura germânica.

Até o final do século 18 os judeus da Alemanha viviam em relativo isolamento da cultura dominante, segregados em guetos, com costumes, vestimentas, crenças e mesmo um idioma próprio – o *jüdisch-deutsch* – e percebiam a si mesmos como uma nação no exílio, consoante a concepção mítico-filosófica, derivada da tradição bíblica, de que a Diáspora judaica haveria de voltar a ser reunida nas terras de Israel por uma vontade divina.

Sua gradativa integração ao *mainstream* da cultura alemã, a partir do século 19 – desejada e parcialmente realizada – deu-se sob o signo do Iluminismo, enquanto a demolição das muralhas e dos portões que os mantinham confinados aos guetos, nas cidades alemãs, foi uma consequência das guerras napoleônicas, que pretendiam disseminar, à força, por toda a Europa, os ideais da Revolução Francesa, e levar ao alvorecer de uma nova era de liberdade, igualdade e fraternidade, em substituição ao absolutismo tirânico e à ingerência do clero nos assuntos nacionais.

Com o avanço das ideias iluministas sobre a Alemanha, e com as modificações abruptas causadas pela presença das tropas napoleônicas, a insularidade judaica, que imperava até então, deu lugar a uma linha de pensamento que propunha a plena integração dos judeus numa sociedade de bases laicas, constituída não mais sobre a base dos dogmas religiosos, mas sobre os conceitos tipicamente iluministas de universalismo, direitos humanos e “civilização” – este termo tão caro ao século 19 europeu, que assim se contrapunha à barbárie dominante em outras terras ou em outros tempos.

É do encontro entre a tradição judaica com esse novo modelo de organização social, que tem como fulcro, na esfera ideológica, a noção de uma humanidade transcendente às especificidades étnicas e religiosas e a ideia de autonomia humana e, na esfera econômica, a expansão de um capitalismo industrial emergente, voltado para a urbanização, e a produção e o consumo, que surge uma nova identidade judaica, desonerada de seu sentido nacional, e de seu sentido de nação no exílio, com vistas à concretização das promessas de um novo homem e de uma nova sociedade: a sociedade dita “civilizada”, fundamentada na noção de *progresso*, enunciada pelos filósofos do Iluminismo, e responsável, em grande parte, pela emergência e pela materialização da modernidade europeia ao longo do século 19.

Na Alemanha este novo ideário foi de imediato abraçado por muitos intelectuais e pensadores de origem judaica, como por exemplo Heinrich Heine, que se percebiam às portas de uma nova era, uma era em que, independentemente de sua origem étnica e religiosa, poderiam encontrar um lugar ao sol nas sociedades dos

países em que nasceram. Ao mesmo tempo, estas novas maneiras de pensar e de organizar a sociedade significavam uma ruptura com o conceito tradicional judaico de “nação no exílio”, na medida em que possibilitavam a inclusão dos judeus no seio da nação alemã – ou de qualquer outra nação europeia.

Este ideário tão promissor nortearia a vida dos judeus do mundo de língua alemã ao longo de todo o século 19. Stefan Zweig, por exemplo, olhando retrospectivamente para sua infância, em *Die Welt von gestern*, (*O mundo que eu vi*), descreve o universo acolhido de um lar da burguesia vienense já nas últimas décadas do século 19, que se afigura como um sinônimo de segurança e solidez, e o sentimento arraigado de pertencer a uma *Heimat*, um lar nacional, que perpassava a existência deste segmento da sociedade. Ao mesmo tempo, ele rememora a crença, amplamente difundida entre os membros de seu grupo social, de que o progresso e a razão – estas forças motrizes do cosmopolitismo europeu do século 19 – em breve haveriam de superar, em todo o mundo “civilizado”, as sombras do preconceito, do ódio e da superstição. A “civilização” do progresso, este grande ídolo do século 19, e a nova era, assim, anunciavam-se, para os judeus cansados por milênios de exclusão e de exílio, como um lar definitivo. E a integração nesta civilização implicava, também, numa mudança de paradigmas filosóficos e espirituais: as antigas crenças religiosas e nacionais deveriam dar lugar a um novo sistema filosófico, afinado com os novos tempos, no qual o conceito de *Bildung*, isto é, ilustração, formação e auto-aperfeiçoamento, ocupa um lugar central.

Há uma frase do escritor Berthold Auerbach (1812-1882) que me parece definir bem o esforço de várias gerações de artistas e literatos judeus, dos séculos 19 e 20, em direção à integração na cultura desta nova “civilização”. Auerbach diz: “A antiga vida religiosa parte da revelação, a nova vida religiosa parte da *Bildung*”.¹

O conceito de *Bildung*, segundo Hannah Arendt², é o conceito central para se entender a questão judaica na Europa dos séculos 19 e 20. Esta é uma questão que surge com o Iluminismo, com o triunfo das noções de humanidade e de tolerância, e com a separação entre as verdades históricas e as verdades racionais, conforme as ideias de Lessing, para quem a razão era o fundamento da humanidade.

Para Arendt, a noção unívoca de verdade, vinculada ao dogma religioso, desaparece com a *Aufklärung* alemã, representada por Lessing, e esta perda leva à descoberta e à valorização do puramente humano – que passa a ser, ao menos idealmente, o esteio da “civilização”.

A *Bildung* é também a busca pela verdade de alguém que se emancipou dos dogmas religiosos, mas permanece em busca de um sentido para a existência, em busca da interioridade e dos sentimentos sublimes. A liberdade e a independência de pensamento são a base do ideal de *Bildung*, que se fundamenta no pensamento autônomo e, ao mesmo tempo, numa emancipação e libertação da sublimidade, que deixa de ser dominada e manipulada pelas instituições e pelos dogmas religiosos. *Bildung*, assim, é

o resultado de uma exploração infinita de novos conhecimentos, e também de experiências de caráter estético e a origem dessa noção está no conceito grego clássico de *Paideia*, que enfatiza o cultivo e o desenvolvimento da vida interior.

Herder considerou a *Bildung* como um passo além do conceito iluminista de educação – especialmente em sua versão francesa. Para ele, a *Bildung* não tem nenhum objetivo ulterior; trata-se de um processo infinito de auto-aperfeiçoamento e de desenvolvimento da própria humanidade, por meio de um conhecimento cada vez mais aprofundado do mundo.

Da mesma forma, Wilhelm von Humboldt (1767-1835) considera que a *Bildung* não tem nenhum objetivo ulterior, pragmático ou ideológico, mas é impulsionada por um comprometimento apaixonado com o crescimento interior e com a verdade. *Bildung*, então, pode ser caracterizada como uma religião secular, mas também como uma ideia ética universal.

A nova religião da *Bildung* a que Auerbach se refere é, portanto, o cerne da vida do espírito na Alemanha oitocentista, emancipada dos dogmas, da verdade única e da hierarquia religiosa. A cultura, bem ao contrário do que é comum imaginar-se em nossos dias, é muito mais do que um ornamento, ou um acessório a uma existência de distrações e de hedonismo. Trata-se de um assunto fundamental, da maior seriedade e importância, na medida em que representa o novo centro da vida do espírito. Auerbach jamais propõe a secularização materialista: propõe um novo eixo para a vida do espírito, sem reduzir em nada a sua importância.

Os valores constitutivos da *Bildung* encontram-se em permanente mutabilidade: são análogos às grandes obras, nas cidades dos séculos 19 e 20, que jamais terminam; são como as galerias e os museus, que nunca cessam de ampliar seus acervos, preenchendo seus espaços cada vez mais monumentais com objetos provenientes de todos os tempos e de todas as partes do planeta, como se almejassem abarcar a totalidade do cosmos; são como os volumes ciclóticos, e sempre renovados, das enciclopédias universais, que desejam conter todo o saber. A vertigem parece ser a contrapartida inevitável da *Bildung*.

Os judeus emancipados na Europa de língua alemã eram cidadãos que tratavam de mudar radicalmente o espírito e o estilo de vida herdado de seus ancestrais, e esse processo de transformação íntima implicava em aculturação. Enfatizava-se, como padrão da nova civilidade, o auto-controle, a moderação e a força silenciosa, ao mesmo tempo em que as paixões humanas e as fantasias passíveis de escapar ao controle eram consideradas como as inimigas da respeitabilidade, potencialmente subversivas e destrutivas. A aquisição do novo patrimônio cultural tinha como objetivo a inclusão no que era visto como a nova sociedade europeia, marcada pelo triunfo de uma ideologia burguesa, definida por sua oposição tanto ao proletariado, com sua sujeição às fatalidades e às circunstâncias, quanto à aristocracia declinante, moldada em torno de ideais de sublimidade a cada tanto mais desacreditados em função de sua redução à esfera dos interesses

meramente materiais.

*

Heinrich Heine pode ser considerado como o primeiro literato judeu alemão a habitar este novo *topos* organizado em torno da *Bildung* e da busca de plena integração numa sociedade europeia tolerante e cosmopolita. Em seu afã de identificar-se com os ideais oitocentistas tanto quanto em fazer parte do universo de uma cultura alemã, mas verdadeiramente universal, ele teria dito que nasceu na noite de ano novo de 31 de dezembro de 1799, o que faria dele um dos “primeiros homens do século 19”. Ao que tudo indica, ele nasceu a 13 de dezembro 1797, mas é como homem do século 19, e como alguém que, de maneira muito singular, via a si mesmo como um cosmopolita e como um verdadeiro representante da *Weltliteratur* – de que Goethe falara na célebre carta de 23 de janeiro de 1827 – que quis entrar para a história.

Heine (1797–1856) é o autor da *phrase célèbre*, segundo a qual a conversão ao cristianismo era o bilhete de entrada para a cultura europeia. A conversão ao cristianismo, segundo ele imaginava, serviria ao propósito claro e específico de levar à sua inclusão na sociedade secular e liberal nascente. Ele ansiava por um cosmopolitismo cultural europeu, mas só conseguiu sentir-se verdadeiramente alemão a partir do momento em que decidiu partir para o exílio, em Paris, em 1831. Ali, tornou-se um intérprete e tradutor, entre os franceses, da *Kultur* germânica, pela qual nutria o desejo de uma vida inteira. Traduzia livros e refletia sobre a formação cultural da Alemanha, escrevia poemas e prosa, ensaios e artigos, e assim acabou criando uma espécie de Alemanha particular, para seu próprio uso, no exílio.

É nesse sentido, também, que Heine se torna um paradigma para boa parte da produção intelectual resultante da assim chamada simbiose judaico-germânica. Heine, não por acaso, foi o primeiro autor a comparar a língua alemã a uma pátria, pois as palavras alemãs, ali, se oferecem a ele como um estranho patrimônio particular, onde ele pode dar vazão a seus anseios, desejos secretos e afetos recorrentes.

Esta ligação com a França é, também, uma espécie de legado heineano aos seus sucessores na ocupação deste *topos* judaico-germânico: Stefan Zweig talvez seja quem a retomou com maior intensidade, ao dar continuidade ao trabalho de tradução da literatura francesa entre os alemães, por um lado, e ao buscar na França, e na ligação com a França, à maneira do que fizera Heine, um cosmopolitismo europeu pelo qual ansiavam, mais do que ninguém, os intelectuais judeus da Europa nas primeiras décadas do século 20.

Mas Joseph Roth e Walter Benjamin, para citar apenas os exemplos mais óbvios, são também autores para os quais a França e a cultura francesa funcionaram, sempre, como uma espécie de contraponto imaginário às aporias geradas pelos desconfortos da história alemã das décadas de 20 e 30.

A trajetória de Victor Klemperer (1881-1960), filólogo

go que se notabilizou, sobretudo, por seu livro intitulado *LTI – Língua Tertii Imperii* (A Língua do Terceiro Reich), recentemente traduzido para o português,³ assim, é tudo menos uma anomalia no panorama mais amplo da história cultural dos judeus na Alemanha. Desde a infância, Klemperer esteve diretamente exposto a um judaísmo comprometido com a inclusão na sociedade alemã mais ampla: seu pai era pregador na comunidade judaica reformada de Berlim – e o movimento da reforma, como se sabe, buscava a criação de um novo tipo de judaísmo que, rompendo com as tradições religiosas e, sobretudo, com a ideia de nação no exílio, almejava tornar compatíveis a fé mosaica e a cidadania europeia. Aliás, o próprio Heine, em seus anos de estudante, e antes de sua conversão formal ao protestantismo, participou ativamente deste mesmo movimento reformista, buscando adequar a tradição à modernidade.

Assim como Heine, Klemperer foi um entusiasta da filosófica do Iluminismo, em particular dos filósofos franceses, e nas primeiras páginas de seu livro *LTI* ele cita, como seus favoritos, Voltaire, Diderot e Montesquieu. Em seus anos de juventude, ele dedicou sua vida acadêmica à elaboração de uma alentada história da literatura francesa e foi como professor de literatura francesa que ele conseguiria um posto acadêmico na Escola Técnica Superior de Dresden, em 1920. Também como Heine, Klemperer se converteria ao protestantismo – e, ostensivamente, pelos motivos: parecia-lhe, como a seu predecessor, ser este um passo imprescindível para ingressar inteiramente na terra prometida da modernidade europeia. Ele mesmo afirma que sua conversão, em 1906, por ocasião de seu casamento, era mais um sinal de seu reconhecimento pela cultura alemã do que uma renúncia ao judaísmo. Para ele, assim como para Heine, Auerbach, Zweig, Roth e tantos outros, a cultura da Alemanha, e em especial a língua alemã, eram lar e morada. Não por acaso, a epígrafe do livro *LTI* é uma frase de Franz Rosenzweig que diz: *Sprache ist mehr als Blut*, ou seja, *A língua é mais do que o sangue*. Claro que há um duplo sentido aqui: de um lado, para um indivíduo, a língua na qual ele fala, sonha e pensa é o fundamento de sua identidade, um sangue imaterial mais poderoso do que o próprio sangue. E de outro lado, do ponto de vista político, a afirmativa de Rosenzweig é uma resposta à ideologia que busca a essência da nação germânica na pureza do sangue, excluindo de sua língua e de sua cultura todos os que não sejam possuidores de determinada genealogia.

É exatamente sobre o dilema dessas purezas – a pureza da língua e a pureza do sangue – que se constrói a *LTI*, livro escrito no pós-guerra imediato, quando a Alemanha tateava em busca de novos rumos, e por meio do qual Klemperer busca retomar um lar espiritual – o idioma e a cultura alemães – do qual fora privado pelo nazismo.

Pois se para Klemperer, um homem profundamente comprometido com os ideais cosmopolitas e universalistas, pertencer à Europa significava conhecer e participar de suas línguas e de suas culturas, devotando suas energias espirituais à ampliação e à difusão de uma *Bildung*

percebida como a portadora de uma nova era de felicidade para a humanidade, os ventos que sopraram sobre a Alemanha, derrotada na 1ª. Guerra Mundial, e economicamente arruinada levaram à direção oposta. O conceito cosmopolita de “civilização europeia” a cada tanto cedia mais terreno ante uma ideologia nacionalista, que buscava enfatizar a especificidade germânica, a busca por uma originalidade mítica, que ecoava, ainda que de maneira deturpada, as ideias de Nietzsche:

Imaginemos uma cultura que não possui uma sede original sólida, mas que está condenada a esgotar todas as possibilidades e a alimentar-se, miseravelmente, de todas as outras culturas – isto é o presente... O que indicam a monstruosa necessidade histórica da cultura moderna, insatisfeita; a reunião, à sua volta, de incontáveis outras culturas e o seu desejo devorador de reconhecimento senão a perda do mito, a perda de um lar espiritual mítico, de um colo materno mítico? (apud. SAFRANSKY, 2008)⁴

Este retorno ao mítico, que Nietzsche apregoa como a solução para as aporias da civilização em seu tempo, é, ostensivamente, reaproveitado por forças políticas que se engrossam ante às instabilidades da República de Weimar, e à ruína econômica e moral da Alemanha, no período imediatamente posterior à 1ª. Guerra Mundial. Surge, assim, um novo modelo de identidade coletiva, profundamente vinculado ao passado e aos mitos especificamente germânicos, baseado na noção de Volk, ou povo, conforme o modelo criado por Nietzsche, que recomendou, expressamente, a substituição da *Bildung*, com sua ênfase cosmopolita, por uma *Bildung* genuinamente alemã – uma ideia cultural e pedagógica fundamentada naquilo que ele e Richard Wagner denominaram “o renascimento do mito germânico”, isto é, um retorno às origens medievais de uma identidade especificamente germânica, que re-atualizasse seus valores míticos.

Se o ideal oitocentista de *Bildung* catalisou a vida espiritual de literatos e de filósofos em busca de integração na cultura alemã, o desenvolvimento de uma nova ideologia cultural de viés nacionalista, na Alemanha, a partir do final do século 19 – uma ideologia de caráter racial e exclusivo – passou a corroer esta identidade moderna e cosmopolita, substituindo os conceitos racionais por símbolos míticos e arcaicos, e apelando a todas aquelas esferas do ser que eram excluídas ou marginalizadas pelo universo da alta cultura oitocentista.

Tendo ingressado no caminho da modernidade, os judeus, na Alemanha, sempre foram fiéis à concepção cosmopolita de *Bildung*, inclusive supondo que a participação nesse universo lhes facultaria a plena aceitação por parte da sociedade alemã. Mas na medida em que triunfava, século 20 adentro, um ideal *völkisch* (popular-nacionalista) de cultura, cada vez mais os judeus viram-se isolados em sua paixão anacrônica pela *Bildung* cosmopolita. Segundo Paul Mendes-Flohr, “os judeus foram os últimos guardiães da verdadeira *Bildung* alemã”⁵.

A devoção, por parte dos judeus alemães, às expressões mais refinadas da cultura alemã – arte, literatura e música – foi indicativa da sua ligação singularmente apaixonada à ética da *Bildung*, o ideal humanista, nascido do iluminismo germânico, que pregava o cultivo das capacidades morais e intelectuais de cada um por meio do estudo da literatura e da filosofia, e do refinamento das sensibilidades estéticas por meio das artes e da música. (cf. FLOHR, 1990, p. 26)

O movimento em prol de uma cultura *völkisch* alemã, em que o nacionalismo, com seu culto aos mitos e símbolos germânicos, se afastava dos ideais iluministas, tornava os que permanecerem apegados a uma visão cosmopolita da humanidade, conforme os ideais da razão e da *Bildung*, a cada tanto mais anacrônicos e mais estranhos às tendências que se tornariam dominantes na sociedade.

A história do judaísmo alemão é, também, a longa história de um amor não-correspondido, e as observações de Klemperer, registradas neste livro que toma por base os seus diários dos anos de guerra, mostram sua perplexidade ante a falência do ideal judaico de aculturação e de modernização, isto é, de integração a um universo europeu de molde cosmopolita, como do próprio ideal grandiloquente de uma *Bildung* universal. As contradições entre a Alemanha como o país da *Bildung*, conforme as idealizações oitocentistas, e o país da cultura *völkisch* e do nazismo, que avançavam com a década de 20, aparecem, de maneira clara, na visão interna que Klemperer tem da língua do nazismo. Para ele, o vocabulário da propaganda nazista é uma epidemia que contagiou a todos. E seu livro é uma resposta a uma pergunta inquietante: como pode acontecer isto? Como foi possível a passagem da era de Goethe para a era de Hitler?

Em seus diários escritos nos anos da guerra, Klemperer agarra-se à língua alemã como a uma tábua de salvação. Se a dissolução do caráter da língua acompanha a corrosão generalizada de uma sociedade, privado de seu substrato ético, a luta de Klemperer para manter viva a sua língua, dela isolando as gradativas ingerências operadas pela máquina de propaganda nazista, representa também um esforço no sentido de manter vivos aqueles ideais que o nortearam em sua formação.

E a publicação da *LTI*, no pós-guerra, é também um esforço de purificação e redenção da língua alemã, deste substrato que lhe parecia mais importante do que o próprio sangue: lutando para livrar sua língua das sequelas causadas pelo nazismo, filtrando deste “sangue nacional” que é a língua os elementos do totalitarismo, Klemperer lutava, também, para retomar, imediatamente após o fim da 2ª. Guerra Mundial, aqueles ideais abandonados de “civilização europeia”.

É assim que ele escreve: “A língua conduz meu sentimento, dirige minha mente, de forma tão natural quanto mais eu me entregar a ela inconscientemente. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e parecem ser inofensivas; passado um tem-

po, o efeito do veneno se faz notar.”⁶

E no imediato pós-guerra, Klemperer busca filtrar, deste “sangue nacional”, as doses de arsênico, os elementos do totalitarismo, devolvendo-lhe as qualidades perdidas em décadas de abusos. Busca, também, restituir a seus leitores a lucidez e a capacidade de pensar com autonomia, libertando-os das poderosas correntes subterrâneas de uma língua automatizada, que subsistem ainda depois do fim da guerra.

A meio caminho entre ensaio filológico e livro de memórias, este *LTI* é uma advertência sobre o poder da linguagem, tão facilmente suscetível à usurpação e à manipulação. E neste sentido, é utilíssimo para os nossos dias, em que termos tão habilmente despejados por todos os tipos de propagandas infestam o caldo linguístico no qual todos nadamos.

Notas

- 1 cf. BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1977, Band II – 3. Teil p. 811 (Juden in der deutschen Kultur)
- 2 ARENDT, Hannah. *Die verborgene Tradition – Essays*. Frankfurt: Jüdischer Verlag bei Suhrkamp, 1976, p. 118
- 3 KLEMPERER, Victor. *LTI – A Língua do 3º. Reich*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009
- 4 *Apud* SAFRANSKY, Rüdiger. *Romantik: eine deutsche Affäre*. Munique: Carl Hanser Verlag, 2008: Man denke sich eine Kultur, die keinen festen und heiligen Ursitz hat, sondern alle Möglichkeiten zu erschöpfen und von allen Kulturen sich kümmerlich zu nähren verurteilt ist – das ist die Gegenwart... Worauf weist das ungeheure historische Bedürfnis der unbefriedigten modernen Kultur, das Umsichsammeln zahlloser anderer Kulturen, das verzehrende Erkennenwollen, wenn nicht auf den Verlust des Mythos, auf den Verlust der mythischen Heimat, des mythischen Mutterschoßes?
- 5 Cf. FLOHR, Paul Mendes. *German Jews – A Dual Identity*. New Haven: Yale University Press, 1990, p. 12: Indeed, the Jews were “the last guardians of the original German idea of *Bildung*.” Yet this focus tends to blur the fact, emphasized in this volume, that upon entering the *Bildungsbürgertum*, Jews laid claim not only to German Kultur and thus identity but also to the right to maintain their Jewish identity.
- 6 KLEMPERER, Victor. *Op.. cit.* p. 55

Referências

- ARENDT, Hannah. *Die verborgene Tradition – Essays*. Frankfurt, Jüdischer Verlag bei Suhrkamp, 1976, p. 118
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1977, Band II – 3. Teil p. 811 (Juden in der deutschen Kultur)
- FLOHR, Paul Mendes. *German Jews – A Dual Identity*. New Haven, Yale University Press, 1990
- KLEMPERER, Victor. *LTI – A Língua do 3º. Reich*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2009
- SAFRANSKY, Rüdiger. *Romantik: eine deutsche Affäre*. Munique, Carl Hanser Verlag, 2008